REVISTA
APLAUSO
Guia de teatro

Talentos da vez

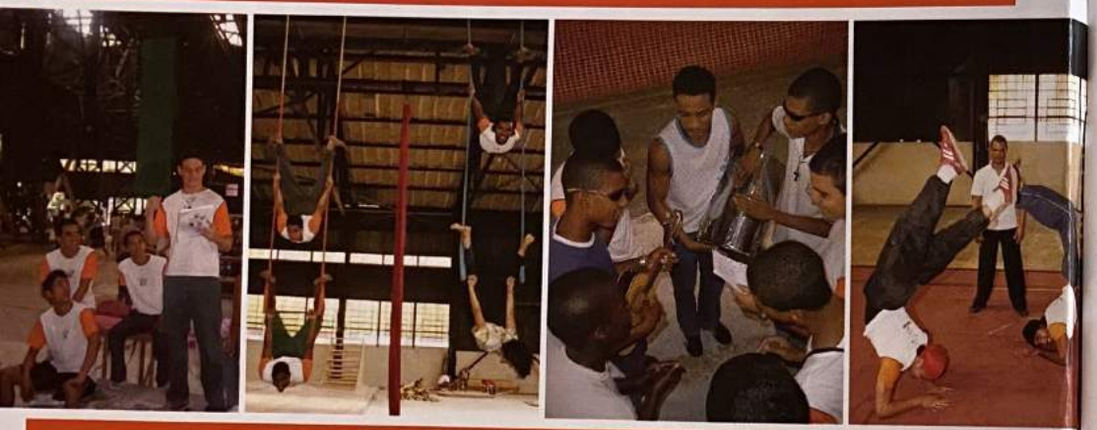
Festival no Teatro Carlos Gomes seleciona novos integrantes para a Cia. Aplauso de Teatro

Em cartaz
Jornal do Teatro
Ana Teixeira
Gero Camilo
Hamilton Vaz Pereira
José Henrique
Maitê Proença
Marta Paret
Sura Berditchevsky

ANO VII Nº 73
EXEMPLAR GRATUITO

500 + 600 = 1.100

1.100 é o número de jovens beneficiários



600 alunos no Talentos da Vez I

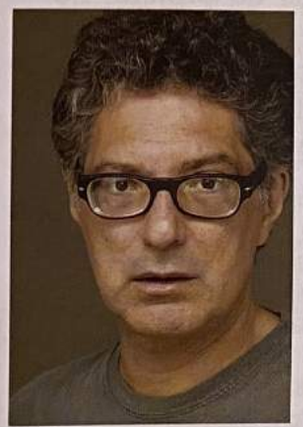
500 alunos no Talentos da Vez II

50 formaram a Cia Aplauso

1.850 oportunidades de emprego

atingindo **200** comunidades

O ato teatral



“No mundo real, somos levados a não acreditar que somos seres excepcionais. No teatro, o espetáculo começa e logo transborda do palco para a platéia uma atmosfera de esquecimento que favorece a idéia oposta. Somos belos, fortes e imortais. Otário é quem pensa o contrário.

Intérpretes e observadores se perdem para o mundo, mas descobrem ali outros universos. No palco, os personagens dançam entre luzes e trevas. Na platéia, os espectadores observam cenas terríveis e engraçadas. Parceiros do acontecimento, eles animam esse encontro afirmando sua sensibilidade artística.

Também, o que fariam elenco e público sem o ato teatral? Com certeza vagariam respirando um ar grave através de uma cidade ameaçadora. Teriam apenas a vida dominada pelas crianças infelizes, pelos coices e enganos, pela velhice e morte. A vida poderia ser vencida senão houvesse esse impulso de existir de artistas e cidadãos.

Ainda bem que dias de ultraje, ondas de miséria e derrotas humilhantes não desanimam o esforço do palco e da platéia para que a discórdia e a amizade se encontrem no instante teatral.

Muito além de toda maravilha e encrenca material, um extraordinário ambiente envolverá os atores e os espectadores de *Mordendo os Lábios* – meu mais novo ato teatral, com Mel Lisboa, Caio Blat, Ernani Moraes e Lena Brito – em cartaz no Espaço Cultural Sérgio Porto, a partir de 14 de abril. *Mordendo os Lábios*, como os apaixonados, reconciliará dor e prazer, beijo e mordida. E fará parte da vida de atores e espectadores que deixarão o teatro lambendo suas feridas, rindo diante dos precipícios e orgulhosos de viver sobre a face da terra.”

Hamilton Vaz Pereira, abril de 2006

Tradições japonesas

O Teatro Poeira faz uma ponte entre as culturas do Oriente e do Ocidente, abrindo as portas para o artista japonês Tadashi Endo. Pela primeira vez no Rio, o mestre de Butô, coreógrafo e diretor do *Mamu Butoh Center* faz uma única apresentação do espetáculo *MA*, integrando teatro, improvisação e dança. E também realiza workshop. Mais informações pelo telefone 2537-8053 ou pelo e-mail teatro-poeira@ teatropoeira.com.br.

Desastres afetivos

Depois de contracenarem na novela *Alma Gêmea,* da Rede Globo, Generosa e Amarildo - ou melhor, Lady Francisco e Lucas Domso - repetem o feito na peça *Enlouquecidas*, que acaba de estrear no Teatro Ipanema. A comédia, escrita por Daniela Reis, acompanha o cotidiano de três mulheres profissionalmente resolvidas, mas que são um desastre em seus relacionamentos afetivos. O espetáculo fica em cartaz até 3 de maio.

De volta ao palco

Elogiada por público e crítica dois anos atrás, a peça *Orlando Silva – o cantor das multidões* volta aos palcos cariocas depois de ter sido assistida por mais de 260 mil pessoas em 35 cidades brasileiras. Com Tuca Andrada à frente do elenco, o espetáculo mostra a vida e a obra de um dos cantores mais populares da música brasileira.De 8 a 30 de abril, no Teatro Carlos Gomes.

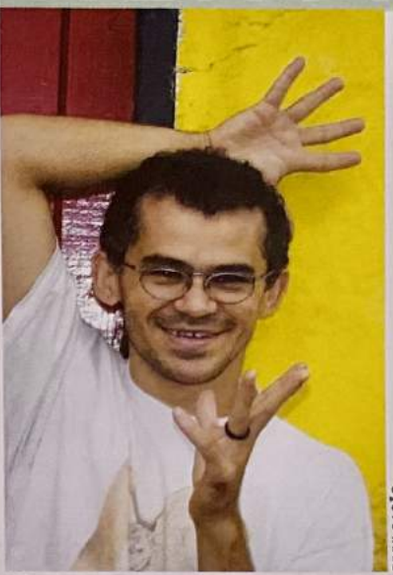
Teatro experimental

Com a coordenação geral da diretora Ana Kfouri, o *Centro de Estudo Artístico Experimental* inicia a temporada de 2006 apresentando espetáculos voltados à pesquisa de novas linguagens artísticas, além de oferecer oficinas de teatro gratuitas. De 8 a 30 de abril, quem ocupa os palcos do projeto, no SESC Tijuca, é o elenco da peça *Gênesis dos novos deuses*, primeira parte da trilogia de Camilo Pellegrini. Sábados e domingos, 19h. R$ 10.

Aplauso é uma publicação mensal da Sociedade Cultural Itaipava Ltda. Redação, administração, publicidade, informações sobre assinatura e correspondência: Rua Gal. Venâncio Flores, 620/101. CEP 22441-090, Rio de Janeiro, RJ. Tels/fax: (21)2511-1390 e (21)2511-5344. E-mail: aplauso@gbl.com.br. Diretora: Ivonette Albuquerque. Colaboradores: Walkyria Garotti (edição de arte); Simone Melamed (textos). Jornalista responsável: Catarina Arimatéia MTb.: 14135. Certificado de Registro de Direito Autoral nº 155.441. Impressão: Sol Gráfica. Capa: Bia Sasso /divulgação

Gero Camilo

Compromisso com o prazer



DIVULGAÇÃO

"Estou com fome de comer pão fresco", diz Gero Camilo, ator e autor

Comecei fazendo arte como as crianças começam: sem definir muito bem o nome das coisas e tendo o meu quintal como cenário. As referências externas não existiam, já que sou da periferia de Fortaleza e cultura paga é coisa para poucos neste País. Mas a arte aconteceu como um ramo verde aparecendo no concreto. Arte em estado bruto. Antes de fazer teatro, eu o entendia como uma descoberta, um instrumento importante de transformação social e de comunicação com as pessoas,. Eu era um jovem militante de movimento estudantil e de Comunidades Eclesiais de Base, e dava aulas que me ajudavam, no dia-a-dia, a compreender melhor o teatro. Aos 20 anos, comecei a fazer oficina no Teatro José Alencar, um curso sobre os princípios básicos do teatro. Foi um encontro. Uma extensão e compreensão do que eu já vivia.

Ser artista exige um compromisso explícito com o prazer de fazer a arte em si. A gente tem que chafurdar no terreno, para tentar tirar coisas interessantes que salvem a arte dela mesma, da prisão em que a colocaram. Ainda assim, mesmo os que radicalizam na idéia do mergulho nem sempre acham a pérola na concha. É um trabalho árduo fazer com que as pessoas entendam algo que a gente vê como verdade.

O teatro é tão diverso e rico em possibilidades. Não me relaciono com ele como produto. Para mim, tem sentido fazer teatro se eu conseguir romper com essa nebulosa de dramaturgias mortas, sem histórias próprias, sem vigor, frescor e cor. Rendido. Este tipo de teatro é tão frágil quanto uma novela das oito ou um clássico de milhões de reais. O teatro precisa ser contemporâneo para me tocar, fazer pensar naquele espetáculo. Não estou falando de certo nem errado, mas existe fome. E estou com fome de comer pão fresco."

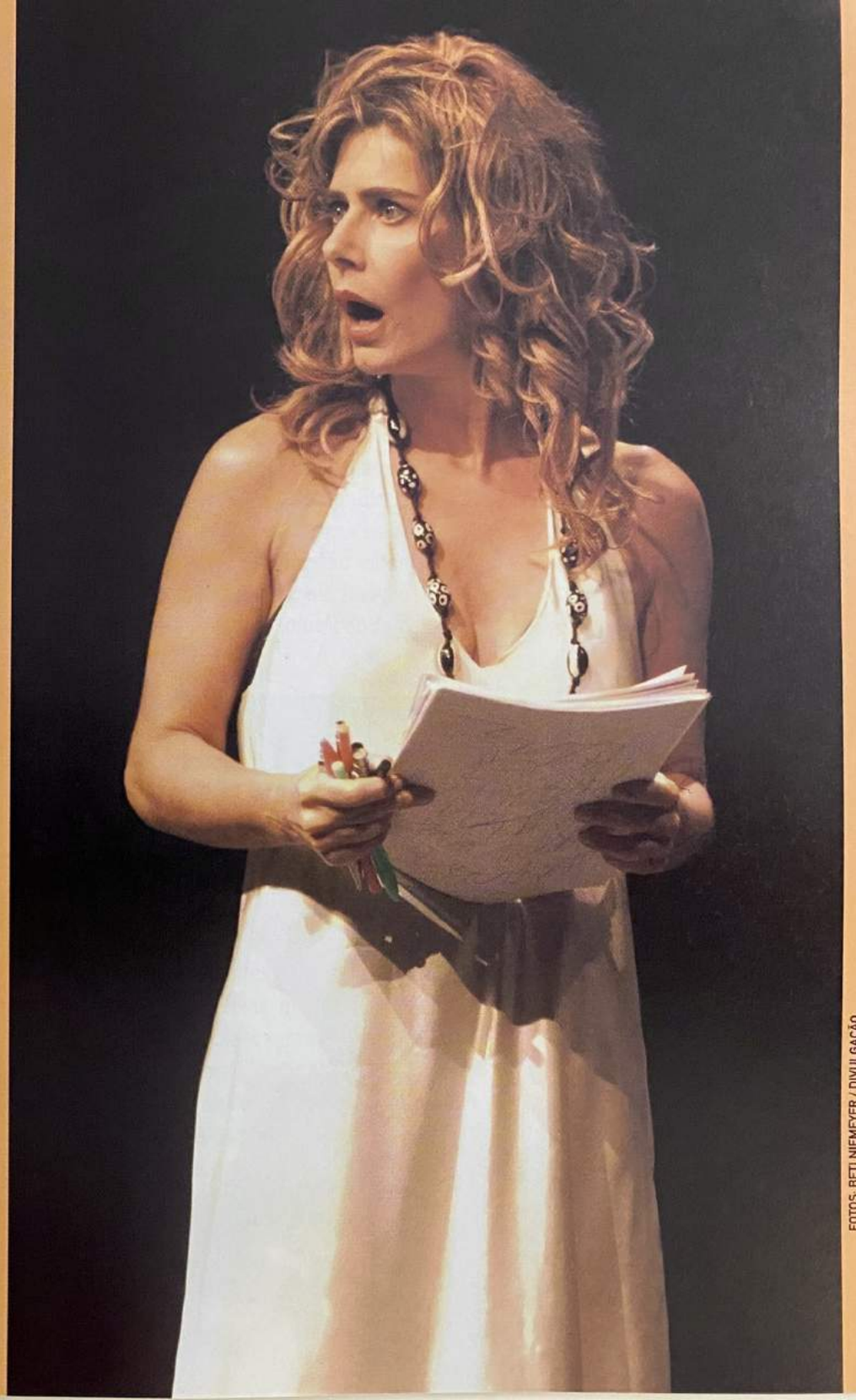
Achadas e perdidas

Depois da consagração como atriz e escritora, Maitê Proença estréia como autora no palco do Teatro do Leblon.

Por Simone Melamed

Dona de uma boa forma invejável, Maitê Proença cultiva um atributo impensável: a gulodice. Com um apetite insaciável para descobrir o mundo à sua volta, a atriz está sempre pronta para se lançar em novas aventuras e ampliar o seu leque de possibilidades. E assim ela acabou enveredando por uma seara até então desconhecida, escrevendo *Achadas e Perdidas*, uma livre adaptação de textos do seu livro *Entre ossos e a escrita*, que reúne 50 crônicas publicadas na revista *Época* entre 2003 e 2004.

"A peça é o melhor dos dois mundos, une a atriz com a escritora. Estou num momento de vida em que a maior parte das pessoas vai se acomodando. Eu resolvi me reinventar. Criei uma uma atividade diferente daquela que vinha praticando até agora. As vendas do livro só crescem desde o lançamento. Agora tem a peça de teatro, que escrevi porque procurava – e não encontrava – algo que fosse engraçado, mas não uma bobagem. É um momento de muita fertilidade", declara Maitê, que escolheu a amiga Clarisse Derziê Luz para contracenar, sob a direção de Roberto Talma.



FOTOS: BETI NIEMEYER / DIVULGAÇÃO

Mulheres múltiplas

Em sete esquetes, as atrizes interpretam mais de 20 personagens que demandam 35 trocas de figurino e 12 mudanças de cenário, recheados com diferentes imagens manipuladas com modernas técnicas de vídeo. São histórias que retratam uma reflexão de Maitê sobre si mesma e sobre o cotidiano, e que tocam – com bom gosto e humor – em temas como os universos feminino e masculino, a infância, a maturidade, a morte e o amor.

"Os esquetes têm vibrações diferentes. Um deles é teatro do absurdo, com duas mulheres vivendo às turras. Outro é o de uma mulher falando da pelada do marido, assunto que os rapazes adoram! É bom ver os casais se acotovelando na platéia. O quarto, que não vou contar, é o mais tocante e, em dias especiais, fico arrebatada. Talvez seja o ponto mais alto do espetáculo. Tem um outro que é o mais escrachado e nós gostamos de fazer, porque brincamos mais uma com a outra, é uma palhaçada. O sexto é muito íntimo, revelo coisas que não contaria para a minha mãe se ela ressuscitasse... ou quase", diz a atriz que, antes de estrear no Rio, viajou com o espetáculo pelo Nordeste e o interior de São Paulo.

Esta sou eu

Mesmo que os personagens sejam de ficção, Maitê confessa que acaba colocando, em suas falas, questões pessoais, seu jeito de olhar o mundo e seu humor. "É muito bom divertir as pessoas com coisas que saíram de dentro de mim. Um ator está sempre interpretando o texto de alguém, os pensamentos e as considerações sobre o mundo de uma outra pessoa que, às vezes, escreveu aquilo há 100 ou 2000 anos, como no caso de uma tragédia grega. Chegou o meu momento de estreitar a ponte que existe entre mim e o público. O público conhece o ator pelos personagens que marcaram, por entrevistas que ele deu, por manchetes sensacionalistas, por notinhas soltas na imprensa marrom. E desses retalhos ele faz uma pessoa. Mas aquela pessoa não sou eu. Então, vim me apresentar"

A PANE

Mistura de suspense com humor, texto inédito de Friedrich Dürrenmatt tem a Justiça como protagonista.

Justiça seja feita: a peça *A pane*, em cartaz no Teatro Villa-Lobos, além de ter uma trama apetitosa é um banquete para muitos talheres. Na verdade, a expressão é levada às últimas conseqüências, já que a história se desenrola durante um lauto jantar, no qual os inúmeros pratos servidos não só são de verdade como não deixam nada a dever a nenhum restaurante sofisticado da cidade.

Numa orgia gastronômica realizada madrugada adentro, profissionais aposentados, ligados à Justiça, revivem seus dias de glória brincando de julgar a humanidade. E, na noite em questão, um visitante desavisado que aparece na cidade – vítima de uma pane em seu carro – é perfeito para o papel de iguaria principal do cardápio.

"A escolha de usar comida de verdade não foi um truque de mídia. O julgamento vai sendo alimentado com isto. Cada vez que eles chegam num impasse, aparece um novo prato à mesa. O mecanismo da comida vai embalando a retórica desses velhos juristas", explica José Henrique, diretor do espetáculo.

Jogo perigoso

Escrito, em forma de conto, pelo suíço Friedrich Dürrenmatt – mais conhecido do público brasileiro pela peça *A visita da velha senhora*, que já ganhou algumas montagens no Rio – o texto foi adaptado pelo criminalista Nilo Batista, que além de ser jurista e dominar os códigos secretos do mundo dos tribunais, também tem formação em teatro.

Antonio Pedro Borges, Claudio Tovar, Henrique César e Henrique Pagnoncelli representam, respectivamente, um advogado de defesa, um promotor, um juiz e um réu convidado que se divertem recriando um tribunal, dentro de casa, com direito a muito interrogatório e teses de acusação e defesa. Um jogo perigoso com conseqüências inesperadas.

Banquete aberto

Paralelamente à temporada no teatro, a peça também é apresentada toda quarta-feira no Salão Nobre da Casa da Suíça. Após o espetáculo – para, no máximo, 50 pessoas – o público degusta o mesmo menu servido aos personagens, acompanhado por uma seleção de vinhos suíços, licor e café. Adaptado do texto original, o cardápio foi montado por Volkmar Wendliger, chef do restaurante, com destaque para o Suprême de poussin à la Simone (supremo de galeto a la Simone) e o Potage de mariage d'Engandin (sopa de casamento do cantão em Engadin). O preço do "espetáculo-banquete" é de R$ 150,00 e as reservas podem ser feitas pelo telefone 2227-0208.

FOTOS: MARCELO CARNAVAL / DIVULGAÇÃO

Biografia não autorizada de uma família

Depois de inaugurar novo espaço cultural em Nova Iguaçu, peça estréia no Teatro Leblon.

Por Simone Melamed

Como a velha questão do ovo e da galinha, ainda hoje há quem se pergunte se a vida imita a arte ou se é o contrário. O fato é que exemplos da realidade inspirando a fantasia não faltam, como prova a peça *Biografia não autorizada de uma família*, baseada na vivência pessoal do autor Gustavo Melo – cineasta do grupo *Nós do Morro* – em sua estréia no mundo da dramaturgia. Em cena, uma típica família do subúrbio carioca tem de encarar, olho no olho, a falência financeira que se instala na casa sem pedir licença, trazendo em seu rastro muitas dúvidas e dívidas.

"Gosto de peças mais realistas, tragicomédias de costumes que mostram o comportamento humano. Quando fiz *Atacado e Varejo*, há três anos, era como se estivesse ensaiando para este trabalho. Eu estava apontando um extrato da classe média de Copacabana e, agora, estou aprofundando isto com este texto que não fica só na crônica. Me interessou entrar nesta família de subúrbio, com personagens muito interessantes, sem perspectiva mas com humor", comenta Sura Berditchevsky, diretora do espetáculo.

Dramas urbanos

A trama é centrada no cotidiano de um pequeno comerciante da Baixada Fluminense (Chico Sant´anna) que, depois de sofrer um golpe, tem de lidar com a instabilidade e cavar novas possibilidades para sustentar a família. A atriz Tássia Camargo interpreta a esposa dedicada ao lar e aos filhos, que chega no limiar de suas condições físicas e mentais. E enquanto o filho mais velho, vivido por Silvio Guindane, entra numa crise de revolta, o mais novo, interpretado por João Velho, faz de tudo para manter a harmonia familiar, no momento de crise.

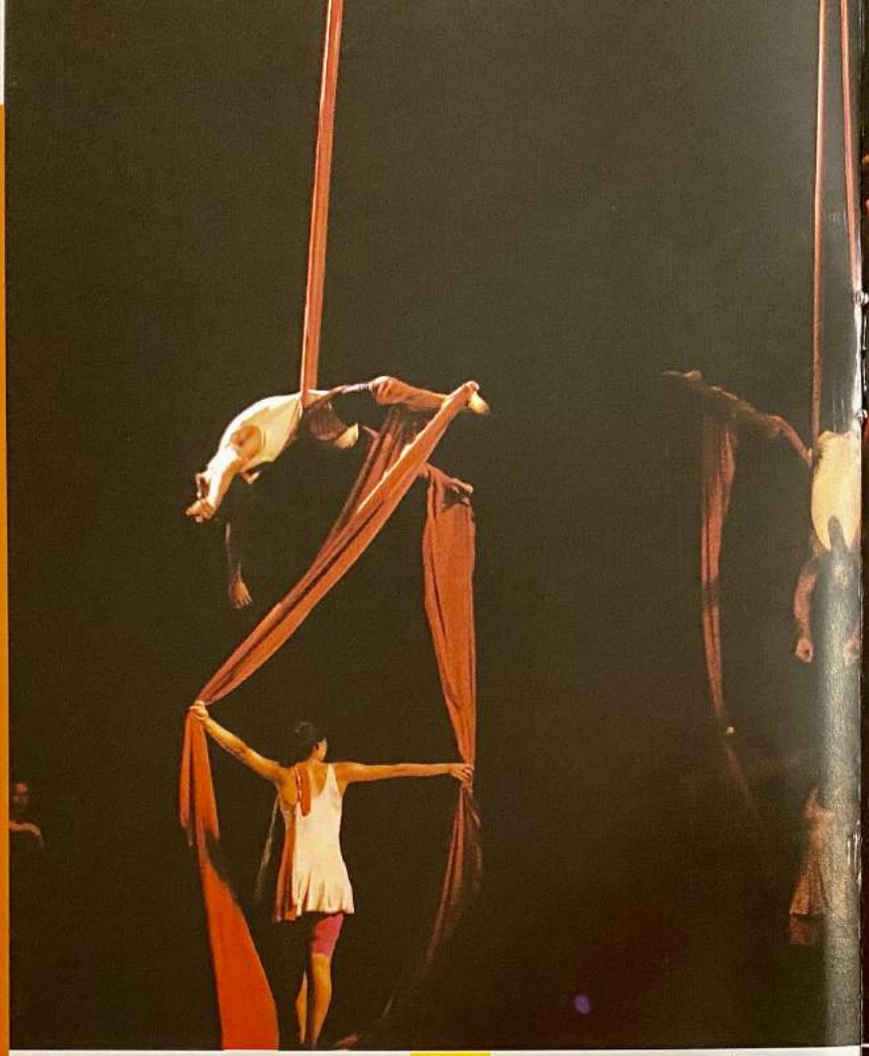
"A peça fala de sonhos, possibilidades e frustrações que independem de classe social. Ela permeia um universo que o Vianinha (dramaturgo) tratou há tempos, desta classe média urbana carioca. Gosto deste ambiente de família, dos detalhes, não-palavras, ações. Sou encantada em trabalhar com isto", revela Sura, que também faz uma pequena participação na peça, no papel de uma vizinha.

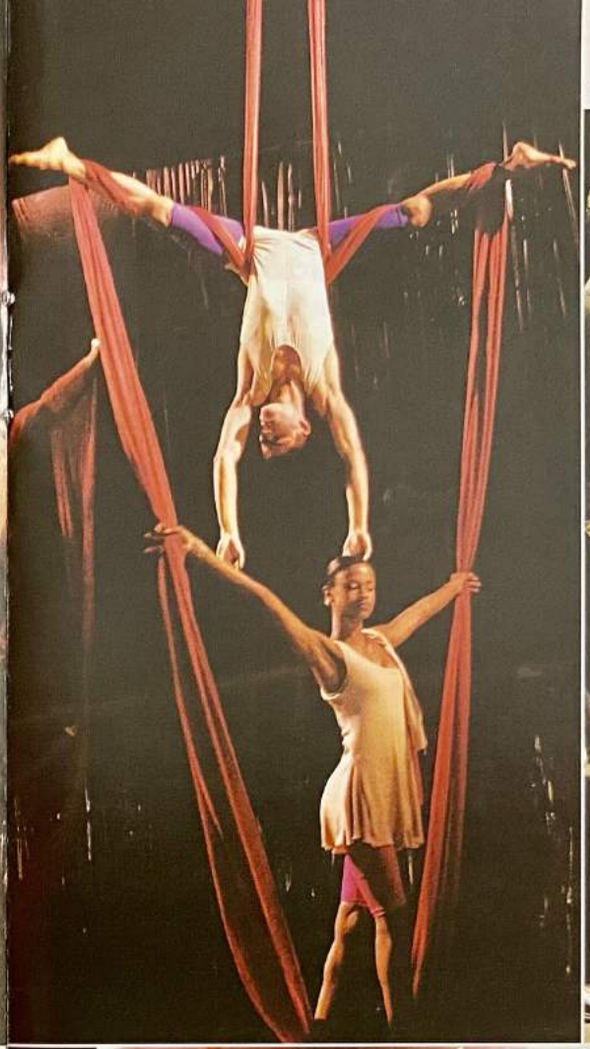
FOTOS: SILVIO POZATTO / DIVULGAÇÃO

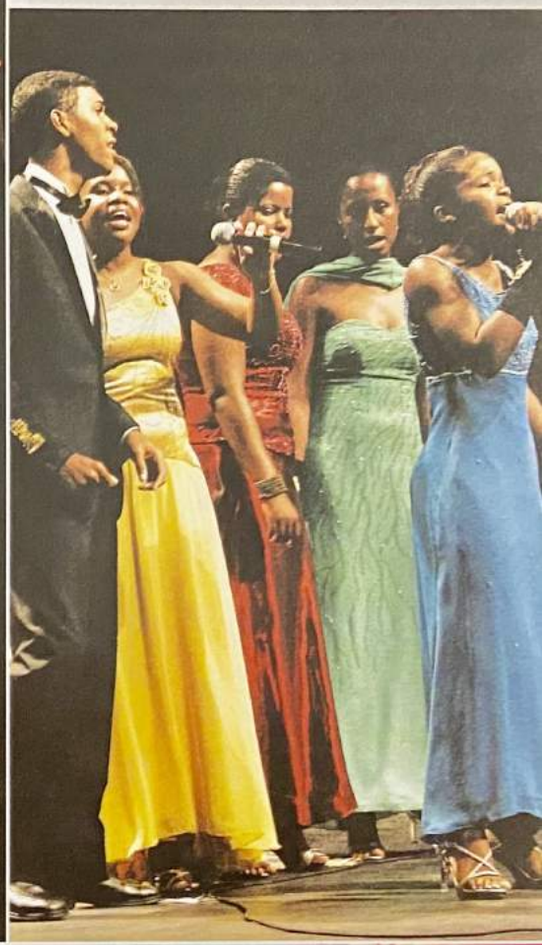
O autor

Gustavo Melo sempre foi um cinéfilo de carteirinha, mas foi só em 1999 que ingressou oficialmente no mundo dos cineastas. Naquela época, ele conseguiu o telefone de Cacá Diegues, telefonou e acabou seguindo o conselho dado pelo mestre: procurar o Grupo "Nós do Morro". Um ano depois, mudou-se para o Vidigal, onde fica a sede do projeto. Hoje é professor de História do Cinema e de Roteiro. É dele, também, a autoria e a direção de "O Jeito Brasileiro de Ser Português", primeiro curta-metragem em película do "Nós do Morro".

FESTIVAL TALENTOS DA VEZ







Cia. Aplauso de Teatro recebe novos integrantes, após concurso no Teatro Carlos Gomes, comandado pela diretora Cininha de Paula.

Por Simone Melamed

Amo os atores que sabem que a única recompensa que podem ter não é o dinheiro, não são os aplausos – é a esperança de poder rir todos os risos e chorar todos os prantos". Relembrada durante o *Festival Talentos da Vez*, a frase escrita pelo dramaturgo Plínio Marcos, no livro *Canções e reflexões de um palhaço*, além de ser uma significativa declaração de amor aos artistas, é um retrato mais do que preciso

FOTOS: BIA SASSO / DIVULGAÇÃO

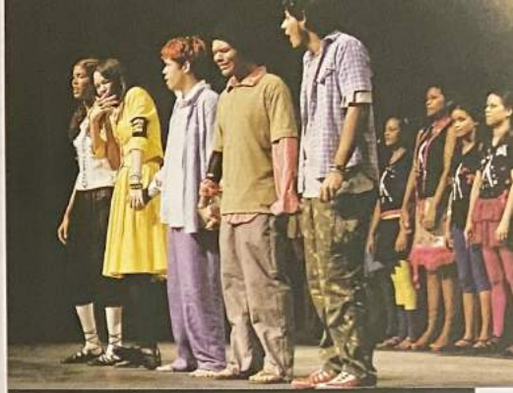
do que aconteceu no palco do Teatro Carlos Gomes, no final do mês passado. Sob o olhar atento de personalidades experientes do meio artístico – como Nívea Maria, Márcia Cabrita e Cláudia Netto – 23 jovens cheios de esperança fizeram platéia e jurados rir e se emocionar, com apresentações de circo, dança, teatro e música. A recompensa? Uma concorrida vaga na *Cia. Aplauso*, fruto do projeto social *Talentos da Vez*, iniciativa da Prefeitura do Rio de Janeiro com o apoio da Revista Aplauso.

Vamos em frente

"Foi emocionante! O nível deles é mil e fiquei feliz em ver jovens que não têm muitas oportunidades na vida e que se dedicam a este trabalho não por deslumbre ou por modismo, mas porque gostam e têm talento. Nasceram para isto e só precisam de uma lapidação. Dá até uma injeção de ânimo na gente. Para mim, foi uma aula!", disse a atriz e cantora Gottsha, uma das julgadoras no quesito música.

"Fiquei muito surpreso! O empenho da Ivonette Albuquerque à frente do *Galpão Aplauso* se espalha pelos alunos e professores e é criado um clima de ´vamos em frente´. O resultado é acima da média e o acabamento da apresentação algo muito raro de se encontrar entre não-profissionais. O empenho é tão verdadeiro que não dá para ficar indiferente", afirmou o dramaturgo e diretor Flávio Marinho, convidado para dar o seu parecer na categoria teatro.

No final da noite, doze alunos conquistaram seu espaço junto ao grupo teatral, que ainda conta com mais dez vagas a serem preenchidas numa repescagem, com testes individuais de aptidões artísticas entre os 500 participantes do *Talentos da Vez*. Um projeto que deverá abrir novas turmas em breve, para continuar oferecendo, durante 12 meses, aulas de cidadania, música e teatro dirigidas a moradores de comunidades de baixa renda, com idade entre 15 e 24 anos.

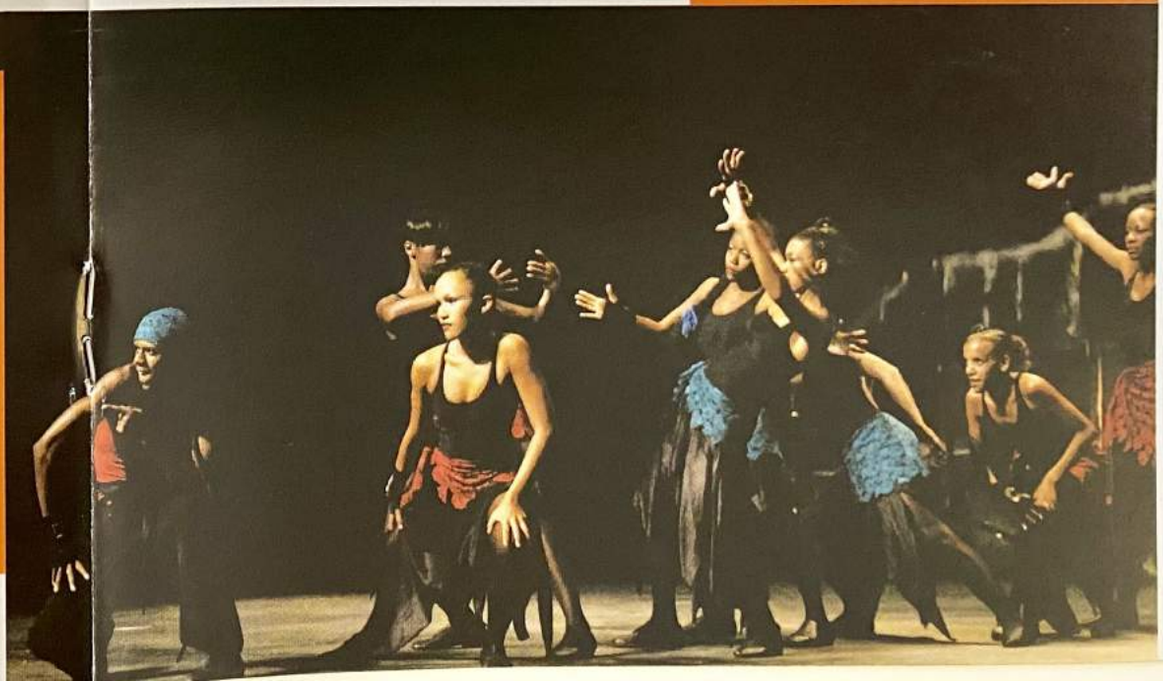


Boas vindas

Veterano da Cia Aplauso, César Calixto acaba de gravar uma participação no programa "Linha Direta", da Rede Globo. Empolgado com a experiência, não economiza na hora de dar conselhos para os colegas recém-entrados no grupo. "Precisa ter muita dedicação, porque, dentro da companhia, a pessoa não faz só a arte em que se especializou, e sim todas as outras. Mas eles não devem desistir e precisam acreditar na força que a Cia Aplauso tem, porque a energia é muito grande. E agora que entraram, já fazem parte, já são componentes do grupo. Sem discriminação."

Um caminho a seguir

Além de ter conquistado o primeiro lugar na categoria dança, Hailton da Silva Penha tem mais motivos para comemorar: enquanto fizer parte do projeto, ele vai ter direito a uma bolsa de estudos na escola de Débora Colker, uma das maiores coreógrafas do Brasil. "As minhas expectativas são de crescer mais e mais, com muita humildade. Para quem tem um sonho, há sempre um caminho a seguir. É uma satisfação ter entrado para a Cia. Aplauso, que eu espero que emocione cada vez mais pessoas."



MISTICISMO

De volta ao Rio de Janeiro, companhia brasiliense estréia espetáculo de esquetes abordando o lado frágil e engraçado da fé.

Por Simone Melamed

Em nome da sátira, eles se entregam de corpo e alma à fé cênica, para cumprir com os dez mandamentos do humor e honrar os ensinamentos da bíblia dos comediantes. Devotos das gargalhadas há dez anos, os integrantes da *Cia. Melhores do Mundo*, de Brasília, sobem ao palco do Teatro dos Quatro a partir de 7 de abril, conclamando crentes de toda e qualquer religião a um ritual sem contra-indicações, regado à pura e simples diversão.

A gente sempre brinca com temas diferentes. Já brincamos com o sexo, a política, o futebol. Agora é a vez do misticismo. Cada esquete aborda um tipo de seita, crença e religião, sempre de uma maneira divertida e colocando fatos do cotidiano dentro do espetáculo, que é uma das nossas características », explica Victor Leal, um dos "pregadores" da companhia e responsável, juntamente com Jovane Nunes, pela maior parte dos textos escritos pelo grupo.

Tudo entre eles

A trupe acredita em criação coletiva. Além de inventar os próprios espetáculos, também dirige em conjunto. "A direção coletiva funciona bem. É uma democracia e a gente não tem pudor de mudar, melhorar e cortar os esquetes. Acho que, hoje em dia, um diretor não teria paciência com a gente. Nós temos muita afinidade e intimidade, dentro e fora do palco, e isto nos dá muita liberdade para brincar", conta Victor.

Considerada pelo jornal *Correio Braziliense* uma das cinco melhores montagens apresentadas em Brasília, na época de seu lançamento, a peça se tornou um dos carros-chefe da companhia, que conta com 25 espetáculos no repertório. E nem é preciso apelar para o sobrenatural para entender tamanho sucesso. Afinal, quem nunca se interessou pelos mistérios que o mundo invisível pode conter?

Era de Aquário com objetos voadores, passando por pastores milagrosos, fenômenos paranormais e criaturas fantásticas... Com convicção quase religiosa, o grupo não deixa nenhum templo ou doutrina fugir de suas observações atentas, críticas e, acima de tudo, engraçadas. Ou seja, entre um saravá, uma aleluia e um namasté, o paraíso das risadas está prometido a todos os filhos de Deus, sejam fiéis, agnósticos ou ateus.

Momentos

- No estilo de programas televisivos, padres e bispos opinam e discutem sobre o culto do dia, no quadro "Missa Redonda"
- Dois amigos têm que fazer um despacho, mas não conseguem matar a galinha. A dupla é pura indecisão, até que uma pomba-gira aparece para resolver a questão, já que eles estão ocupando a encruzilhada mais disputada da cidade.
- Marido chega em casa e se depara com tudo vazio. O motivo? Sua mulher resolveu dar todos os bens do casal para o guru de uma seita indiana. Como se isto não bastasse, ela também resolve abandoná-lo, para fazer parte do harém do mestre.

FOTO: NICOLAU EL-MOOR / DIVULGAÇÃO

em cartaz

peças, horários, teatros e preços

A PANE

O real e o absurdo ao longo de uma orgia gastronômica, compartilhada por profissionais da Justiça aposentados e um visitante de última hora. Texto: Friedrich Dürrenmatt. Direção: José Henrique. Com Antonio Pedro Borges, Henrique Pagnoncelli e Claudio Tovar. **Teatro Villa-Lobos** (Av. Princesa Isabel, 440, Copacabana). Fone: 2275-6695. Quinta a Sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 30. Estudantes e idosos têm 50% de desconto.

A POLTRONA ESCURA

Três contos de Pirandello que trazem o olhar cruel e divertido do dramaturgo sobre a condição humana. Texto: Luigi Pirandello. Direção: Roberto Bacci. Com Cacá Carvalho. **Teatro Poeira** (Rua São João Batista, 104, Botafogo). Fone: 2537-8053. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 19h. R$ 40. Estudantes e idosos têm 50% de desconto.

A PRIMEIRA VEZ QUE EU DISSE EU TE AMO

Comédia musical com pensamentos, poesias e canções inspiradas em experiências vividas pelos atores. Texto e direção: Pitty Webo. Com Nildo Parente, Pitty Webo, Maria Regina e Alex Nader.**Teatro Café Pequeno** (Avenida Ataulfo de Paiva, 269, Leblon). Fone: 2294-4480. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 20. Estudantes e idosos, R$ 10.

AS PRECIOSAS RIDÍCULAS

O embate entre pseudo-intelectuais e dois espertos criados. Texto: Molière. Adaptação: João Bethencourt. Direção: Cláudio Torres Gonzaga. Com Helena Ranaldi e Marcos Oliveira. **Teatro SESI** (Av. Graça Aranha 1, Centro). Fone:: 2563-4163. Quinta a domingo, 19h30. Sábado, 20h30. Quinta, sexta e domingo, R$ 30. Sábado, R$ 40.

ABERRAÇÕES

Diferentes esquetes mostrando situações insólitas e absurdas do cotidiano. Texto: Moisés Liporage. Direção: Paula Wenke. Com Mariana Consoli, Lima Barboza. **Teatro Café Pequeno** (Avenida Ataulfo de Paiva, 269, Leblon). Fone: 2294-4480. Terça e quarta, 21h. R$ 20.

ACHADAS E PERDIDAS

Baseada no livro *Entre Ossos e a Escrita*, de Maitê Proença, a peça transita, com muito humor, por assuntos que vão da morte ao futebol. Texto: Maitê Proença. Direção: Roberto Talma. Com Maitê Proença e Clarisse Derziê. Local: **Teatro Leblon – sala Marília Pêra** (Rua Conde Bernadotte 26 – Leblon). Fone: 2294-0347. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. Quinta, R$ 35. Sexta e domingo, R$ 40. Sábado, R$ 50.

AI, QUE SAUDADES DO LAGO!

O musical revive a época, o modo de vida e as inúmeras faces do artista Mario Lago, no ano em que ele estaria completando 95 anos. Texto: Marcos França. Direção: Joana Lebreiro. Com Claudia Ventura, Marcos França e Alexandre Dantas. Teatro do Espaço Cultural dos Correios (Rua Visconde de Itaboraí, 20, Centro). Fone: 2503-8222. Quinta a domingo, 19h. R$ 15. Até 16/04

BIOGRAFIA NÃO AUTORIZADA DE UMA FAMÍLIA

Tragicomédia de costumes que narra a derrocada financeira de uma típica família de classe média brasileira. Texto: Gustavo Melo. Direção: Sura Berditchevsky. Com Tássia Camargo e Silvio Guindane. Local: **Teatro Leblon – sala Marília Pêra** (Rua Conde Bernadotte 26 – Leblon). Fone: 2274-3536. Terça a quinta, 21h. R$ 35. Estudantes e idosos têm 50% de desconto.

CAETANA

Uma rezadeira se vê diante da morte e reencontra, no Reino do Invisível, almas encomendadas por ela.Texto: Weydson Barros Leal e Moncho Rodriguez. Direção: Moncho Rodriguez. Com Lívia Falcão e Fabiana Pirro. **Teatro do Jockey** (Rua Mário Riberio, 410, Gávea). Fone: 2540-9853. Sexta a domingo, 21h. R$ 25.

CAMILA BAKER – A SAGA CONTINUA

A peça conta, com muito humor, a vida da fictícia Camila Baker. Depois de conhecer o sucesso, ela chega ao fundo do poço, acusada de assassinar o próprio marido. Texto: Emílio Boechat. Direção: Fernando Guerreiro. Com Daniel Boaventura, Zeu Britto, Leonardo Brício. **Teatro das Artes** (Rua Marquês de São Vicente, 52, 2º. Andar, Shopping da Gávea). Fone: 2540-6004. Quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h. Quinta, R$ 40. Sexta e domingo, R$ 45. Sábado, R$ 50.

CHE GUEVARA

A peça reconstitui as últimas dezoito horas de vida do revolucionário cubano. Texto: John Vaz e Luiz Lula Dias. Direção: John Vaz. Com John Vaz e Fernando Bicudo. **Fundição Progresso – Barraco das Artes** (Rua dos Arcos s/nº, Lapa). Fone: 2220-7074. Sexta a domingo, 19h30. R$ 20.

CIDADE VAMPIRA

Visão apocalíptica do caos urbano a partir de um célebre crime que, recentemente, chocou o país Texto: Fausto Fawcett e Henrique Tavares. Direção: Henrique Tavares. Com Fausto Fawcett e Carla Faour. **Teatro Maria Clara Machado** (Rua Padre Leonel Franca, 240, Gávea). Fone: 2274-7722. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 20. A partir de 7 de abril.

ENLOUQUECIDAS

O cotidiano de três mulheres bem-sucedidas profissionalmente e suas desastrosas relações amorosas.Texto: Daniela Reis. Direção: Milton Corrêa e Castro e Oscar Francisco. Com Lady Francisco. **Teatro Ipanema** (**Rua Prudente de**

Morais, 824, Ipanema). Fone: 2523-9794. Terça e quarta, 21h. R$ 20.

FAMA ZERO

A busca incessante pela fama e a valorização das "celebridades de massa" são a base desta peça cheia de humor. Texto: Maria Valentim, Raul Franco e Sylvia Orenstein. Direção: Wendell Bendelack e Raul Franco. Com Aline Borges e Fabio Florentino. **Teatro Cândido Mendes** (Rua Joana Angélica, 63, Ipanema). Fone: 2267-7295. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 30.

ÍNDIA – A CRIAÇÃO

A atmosfera mágica do universo indiano é mostrada através do encontro entre o teatro, a música e a dança. Texto e direção: Leandro Lobo. Com o Grupo *Travessia Teatro*. **Teatro SESI** (Av. Graça Aranha 1, Centro). Fone: 2563 4163. Segunda, 19h30. R$ 15.

MISTICISMO

O lado frágil e engraçado de diferentes crenças é mostrado, com humor, em esquetes variados.Texto, direção e atuação: Cia. Melhores do Mundo. **Teatro dos Quatro** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2540-6004. Sexta a domingo, 20h. R$ 35. A partir de 7 de abril.

MORDENDO OS LÁBIOS

A história de um casal que luta para criar os filhos. Texto e direção: Hamilton Vaz Pereira. Com Mel Lisboa, Caio Blat, Ernani Moraes e Lena Brito. **Espaço Cultural Sérgio Porto** (Rua Humaitá 163, Humaitá). Fone: 2266-0896. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 25. A partir de 14 de abril.

NO CONJUGADO

Duas atrizes de caráter duvidoso montam um espetáculo dentro do apartamento onde vivem, gerando mil confusões. Texto e direção: Afra Gomes e Leandro Goulart. Com Mariana Santos e Simone Debet. **Teatro Cândido Mendes** (Rua Joana Angélica, 63, Ipanema). Fone: 2267-7295. Sexta e sábado, 23h. R$ 20.

NÓS NA FITA

Esquetes bem-humorados em cima de pequenas situações cotidianas. Texto: Marcius Melhem. Direção: Alexandre Régis. Com Marcius Melhem e Leandro Hassum. **Teatro dos Quatro** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2540-6004. Quinta a domingo, 21h30. Quinta e sexta, R$ 35. Sábado e domingo, R$ 40.

O FIO DA MEADA

A solidão e o desejo a partir do encontro de uma balconista e um caminhoneiro, numa quermesse de periferia. Texto: Paulo Reis. Direção: Mônica Alvarenga. Com Marta Paret e Ricardo Marecos. **Casa da Gávea** (Pça Santos Dumont, 116, sobrado, Gávea). Fone: 2239-3511. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 20.

APLAUSO TEATRO 7 ANOS

O MÁGICO DE OZ – THE DARK SIDE

Releitura da clássica história das aventuras da menina Dorothy, traçando um paralelo com jovens brasileiros marginalizados. Texto: L.Frank Baum. Adaptação e direção: Cadu Fávero. Com Ricardo Petráglia e Luisa Thiré. **Teatro Livre – Fundição Progresso** (Rua dos Arcos, 24 – Lapa). Fone: 2533-0224. **Quinta e sexta**, 20h. Sábado, 11h e 20h. R$ 20.

OS HOMENS SÃO DE MARTE ... E É PRA LÁ QUE EU VOU

Fernanda, uma jornalista solteira, relata seus conflitos e dilemas na busca de um grande amor. Texto e atuação: Mônica Martelli. Direção: Victor Garcia Peralta. **Teatro Vannucci** (Rua Marquês de São Vicente, 52, 3º piso, Shopping da Gávea). Fone: 2274-7246. Quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h. Quinta, R$ 35. Sexta e domingo, R$ 40. Sábado, R$ 45.

OS SUBURBANOS

Uma homenagem aos moradores da periferia, com seus maneirismos, costumes e vocabulário peculiares. Texto e direção: Rodrigo Sant´anna. Com Talita Carauta, Isabelle Marques e Rodrigo Sant´anna. **Teatro Miguel Falabella** (Rua Dom Hélder Câmara, 5333, NorteShopping). Fone: 2597-4452. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. Quinta e sexta, R$ 25. Sábado e domingo, R$ 30.

ORLANDO SILVA – O CANTOR DAS MULTIDÕES

O espetáculo mostra a vida e a obra de um dos cantores mais populares da história da música brasileira. Texto: Antonio De Bonis e Fátima Valença. Direção: Antonio De Bonis. Com Tuca Andrada, Inez Viana. Local: **Teatro Carlos Gomes** (Praça Tiradentes s/n). Fone: 2232-8701. Sexta e domingo, 19h. Sábado, 20h. R$ 20. A partir de 8 de abril.

PAGUE R$ 2 E LEVE 2

Reunidos no mesmo projeto, *José, e agora?* e *O Rei dos Escombros* são dois monólogos cheios de humor. *José, e agora?* (Texto e interpretação: Cadu Fávero. Direção: Leonardo Brício. Terça, 19h30). *O Rei dos Escombros* (Direção: Moacir Chaves. Com Ricardo Petraglia. Terça, 21h). **Teatro Livre – Fundição Progresso** (Rua dos Arcos, 24 – Lapa). Fone: 2533-0224. R$ 2.

RÁDIO NACIONAL – AS ONDAS QUE CONQUISTARAM O BRASIL

Com supervisão de Bibi Ferreira, o musical faz uma justa homenagem à época de ouro da Rádio Nacional. Texto: Fátima Valença. Direção: Fábio Pillar. Com Cláudia Vigonne, Fábio Pillar e Sylvia Bandeira. **Teatro Maison de France** (Av. Presidente Antônio Carlos, 58, Centro). Fone: 2215-1708. Quinta a sábado, 20h. Domingo, 19h. Quinta e sexta, R$ 40. Sábado e domingo, R$ 50.

em cartaz

peças, horários, teatros e preços

SAVINA

Um mergulho no instigante universo dos ciganos, inspirado no conjunto da obra do escritor Mateo Maximoff. Texto e concepção: Ana Teixeira e Stephane Brodt. Direção: Ana Teixeira. Com a Cia. Amok Teatro. **Centro Cultural Banco do Brasil - Teatro I** (Rua Primeiro de Março, 66, Centro). Fone: 3808-2020. Quarta a sábado, 19h. Domingo, 19h e 21h30. R$ 10. A partir de 6 de abril.

SENHORA DOS AFOGADOS

A peça conta a história da família Drummond, traumatizada pela morte das filhas e pelo incesto.Texto: Nelson Rodrigues. Direção: Marco Accioli. Com Renata Vianna e Lusinete Lima. **Teatro Museu da República** (Rua do Catete, 153, Catete). Fone: 2558-6350. Sábado e domingo, 20h. R$ 14

SETE CONTO

De forma crítica e bem-humorada, Luís Miranda aponta as diferenças gritantes do País, através de sete personagens. Texto e atuação: Luís Miranda. Direção: Ingrid Guimarães. **Teatro Leblon – sala Marília Pêra** (Rua Conde Bernadotte, 26 – Leblon). Fone: 2294-0347. Sexta e sábado, 22h30. Domingo, 21h30. R$ 35.

SIMPLESMENTE AMOR

Musical percorre as diferentes etapas de uma relação amorosa, regada com canções românticas da MPB. Com_Simone Centurione e João Calaça. **Teatro Glória** (Rua do Russel, 632, Glória). Fone: 2555- 7262. Quinta, 18h. Sexta a domingo, 20h. R$ 25.

UM CAMINHO PARA DOIS

Casal vive altos e baixos durante 25 anos de casamento. Texto e direção: Flavio Marinho. Com Luciana Braga e Osmar Prado. **Teatro dos Grandes Atores – Sala Azul** (Avenida das Américas, 3.555, Shopping Barra Square). Fone: 3325-1645. Quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h30. Quinta e sexta, R$ 35. Sábado e domingo, R$ 40. A partir de 6 de abril.

UMA ÚLTIMA CENA PARA LORCA

Versão teatral sobre os últimos dias de vida do poeta e dramaturgo espanhol Frederico Garcia Lorca.Texto: Antonio Roberto Gerin. Direção: André Paes Leme e Cláudio Mendes. Com Nicola Siri e Cláudio Mendes. **Teatro Nelson Rodrigues/Caixa Cultural** (Av. Chile, 230, Centro). Fone: 2262-5483. Sexta a domingo, 19h30. R$ 10.

não perca

O espectador assistiu, gostou e indica

FOTOS: TV GLOBO/DIVULGAÇÃO

Sete conto

"Está tendo um *boom* de espetáculos de um ator só – e o *Sete Conto*, do Luís Miranda, é divino! Um ator com um trabalho indiscutível. Ele cria tipos maravilhosos com perfeição! A direção da Ingrid Guimarães é inteligente e dinâmica. E a peça, divertidíssima!"

Arlete Salles, atriz

Rádio Nacional – as ondas que conquistaram o Brasil

"Um musical muito bem feito, bem pesquisado e que retrata a época fantástica da Rádio Nacional. A platéia canta junto o tempo todo. A supervisão geral é da Bibi Ferreira e ela, claro, não assinaria nada que não fosse muito bom."

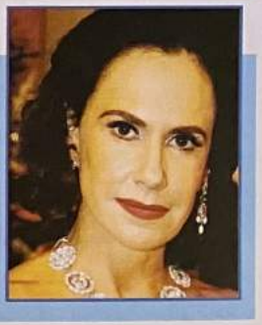
Íris Bruzzi, atriz

Caetana

"Um espetáculo altamente poético: um presente para o público e, para o ator, uma motivação para fazer um trabalho criativo. O trabalho da Lívia Falcão e da Fabiana Pirro é excelente. Assisti duas vezes e fiquei encantado com a história da rezadeira que tenta driblar a morte. É uma peça que mexe com as raízes da gente."

Tadeu Melo, ator

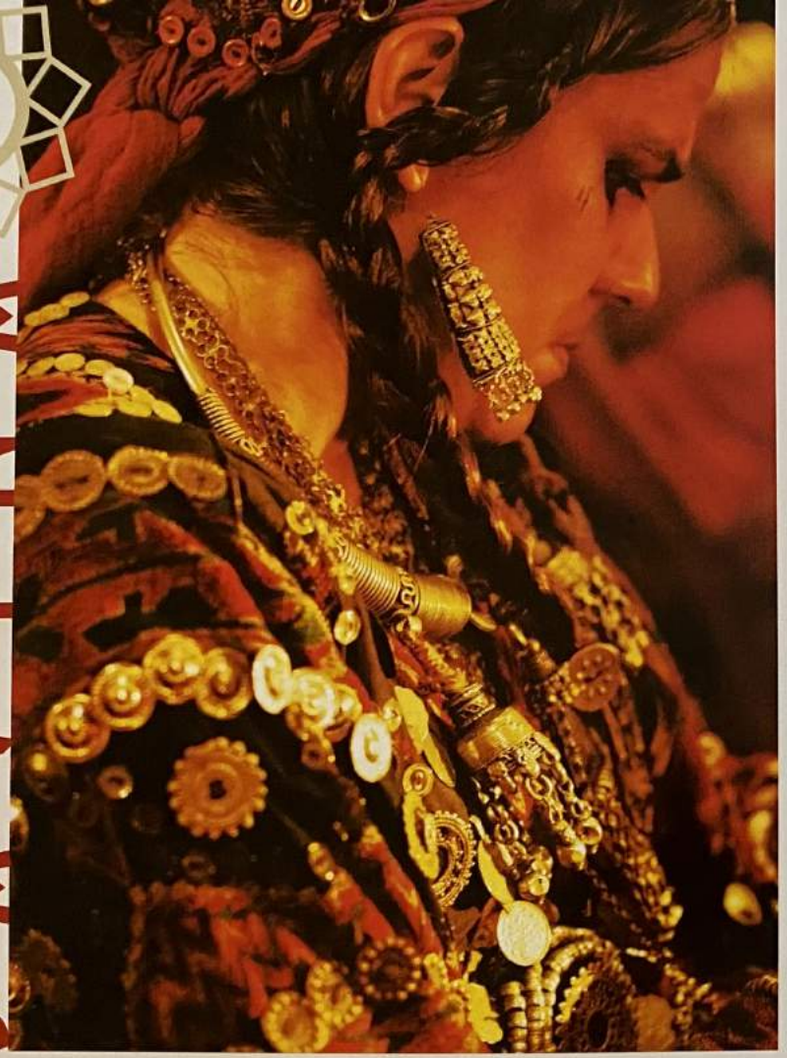
A mulher desiludida



"Apesar de não ter sido escrito para o teatro, adoro esse texto da Simone de Beauvoir. O trabalho da Guida Vianna é maravilhoso e achei supercorajoso ela ter montado um espetáculo tão diferente. Também gostei muito da direção do Gilberto Gawronski"

Xuxa Lopes, atriz

SAVINA



Depois de um ano de pesquisas, Cia. Amok Teatro guia o público em um passeio poético pela cultura cigana.

Por Simone Melamed

Com a bênção de Santa Sara Kali, a padroeira universal dos ciganos, a *Cia. Amok Teatro* apresenta a partir do dia 6 de abril, no palco do Teatro I do Centro Cultural Banco do Brasil, o espetáculo *Savina*, que propõe uma viagem pelo misterioso e fascinante mundo dos gitanos. Inspirada no conjunto da obra de um dos expoentes da literatura romani – o escritor Mateo Maximoff – a peça começou a ser concebida no ano passado, justamente quando a Europa lançava o projeto *Década de Integração dos Ciganos*, uma iniciativa governamental para a reintegração de um povo perseguido durante séculos com o rótulo de maldito.

"Eu já tinha uma atração pelo mundo deles há muito tempo. Os ciganos têm uma presença forte na Europa, sobretudo depois da queda do Muro de Berlim. Na época em que eu vivia na França, este universo me fascinou. Como não existe teatralidade cigana – e a tradição deles é oral – no início nós mergulhamos no próprio mundo cigano. Mas acabamos achando este autor, que foi quem nos permitiu encontrar personagens para a nossa história", relembra Stephane Brodt, ator mais do que premiado pelas produções da companhia e que responde – juntamente com a diretora Ana Teixeira – pela autoria do texto.

O encontro com outro povo, diferente de nós, é sempre um aprendizado: reafirma o que nos difere, marcando a nossa identidade, e também mostra o que nos une, enquanto humanidade. "Nós temos muito a aprender com os ciganos, que traz uma herança com valores que vêm lá de trás, como o peso da palavra dada e a nobreza, ou melhor, a qualidade da relação. São valores e virtudes sociais que o mundo letrado perdeu. Achamos importante não levantar a bandeira dos ciganos, mas também evitamos todos os clichês negativos, apresentando um outro lado que as pessoas não conhecem dos chamados *filhos do vento*", comenta a diretora.

Lei própria

A herança cultural e os costumes da tribo dos Rroms Kalderash – levando em conta influências de outras comunidades ciganas – funcionam como pano-de-fundo para situar a história de dois amigos que, como manda a tradição, se comprometem a casar os filhos assim que eles nascem. Só que, com o decorrer dos anos, enquanto um enriquece, o outro cai na miséria. Quando chega o momento de cumprir o pacto do passado, o recém-afortunado não cumpre com a palavra, gerando uma série de tragédias que culminam em um julgamento que segue as leis gitanas.

Os ciganos contam com uma justiça própria e os problemas são resolvidos entre eles. O código de lei não é escrito, mas está enraizado em cada um desde criança.

FOTOS: DIVULGAÇÃO / ANA LIMP

A língua é minha pátria

Sem nação nem religião oficial, as diferentes etnias ciganas são unidas pela sua história e, principalmente, pela língua romani. E foi exatamente a musicalidade do idioma que serviu de passaporte para que o "Amok" decolasse para o universo dos gitanos. "Para um gadjo – nome dado a todos os não-ciganos – não é fácil parecer um cigano. Não basta colocar uma roupa, é uma outra atitude. Falando o romani, nós encontramos o corpo, a voz e a energia desse mundo. Por isto, muita coisa na peça é falada neste idioma. O que os une acabou nos unindo a eles", diz Ana Teixeira.

O fio da meada

Com direção de Monica Alvarenga, Casa da Gávea recebe adaptação de Paulo Reis para comédia romântica do americano William Mastrosimone.

No palco e nas coxias, na vida real e na ficção, a paixão é o denominador comum de tudo que diz respeito à peça *O Fio da Meada*, nova montagem em cartaz na Casa da Gávea. Além de provocar um improvável encontro entre dois desconhecidos, ela tem sido uma companheira fiel da produtora do espetáculo, desde o primeiro contato estabelecido com o texto, há pelo menos uma década.

"É um namoro antigo. Li a peça e amei, mas achei que devia esperar, estar mais bem preparada. Fui fazendo outras peças e adiando, até que decidi que o tempo estava passando", conta Marta Paret, produtora e atriz do espetáculo, garantindo que Ricardo Marecos, seu parceiro em cena, compartilha do mesmo sentimento. "Há dois anos ele leu o texto e ficou louco pelo personagem, adorou! Senti nele a mesma paixão que eu sentia e isto é fundamental, porque a peça é somente para dois atores".

Desencontros

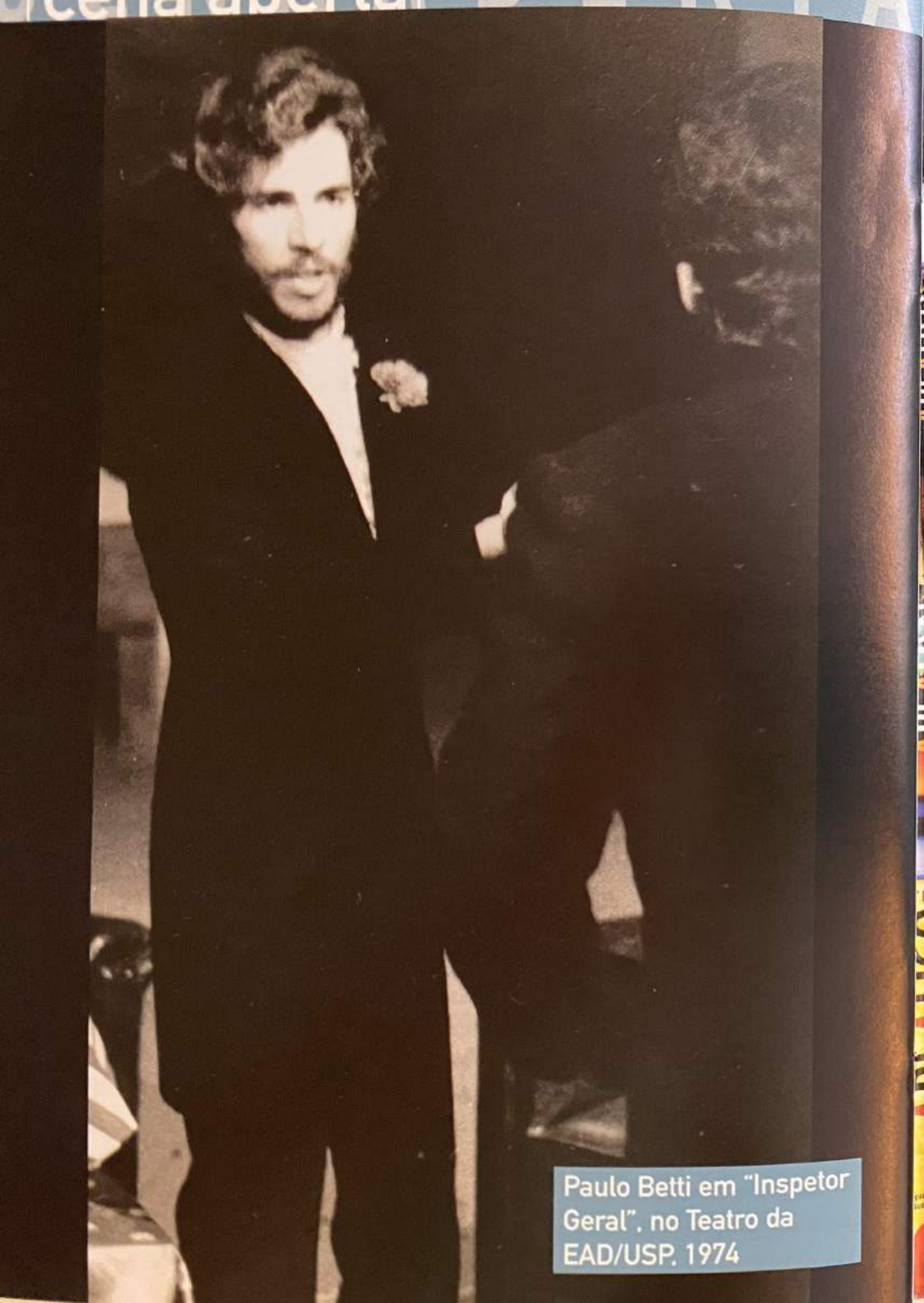
No palco, a dupla dá vida a uma balconista sonhadora e um cínico caminhoneiro, que se conhecem numa quermesse na periferia de uma cidade grande. Convidado para conhecer o apartamento dela, ele não tem dúvidas de que a noitada está garantida, mas, como em toda boa trama, a história não é tão simples assim, já que nem ela é tão ingênua, nem ele tão dono da situação. A partir de um primeiro descompasso entre os desejos de cada um, atitudes inesperadas fazem o jogo virar, trazendo à tona segredos e fragilidades.

"A peça fala sobre sonho e esperança. Ela tem um final feliz. São dois personagens que, num primeiro momento, parecem desvalidos, mas têm poesia, amor e beleza. Teoricamente, eles se conhecem e ela se apaixona, quer uma historia longa, e ele só acha que vai ter uma noite bacana e ponto final. Mas aí começam a conversar e se entendem, desentendem, entendem novamente. Tudo com graça e humor", garante a atriz.

Uma peça em dois tempos

Em 1990, a tradução do original norte-americano, "The Woolgatherer", recebeu o título de "Dez Centavos o Sonho", e trazia Carla Camuratti e Antonio Grassi no elenco, com direção de Paulo Reis. A peça percorreu algumas capitais brasileiras, mas não chegou a ser encenada no Rio nem em São Paulo. Há dois anos, com o nome de "Corações na Contramão", o mesmo texto – com pequenas modificações – foi montado por Paula Burlamaqui e Humberto Martins.

FOTOS: MARCOS NASCIMENTO / DIVULGAÇÃO



Paulo Betti em "Inspetor Geral", no Teatro da EAD/USP, 1974

Colecione!

Assine!

Enviamos para todo o Brasil

Maiores informações

Tel.: (21) 2239-1163

ou e-mail: aplauso@gbl.com.br

Assinatura semestral

R$ 24

Coleção completa de Aplauso por R$ 54!

Edições de 1 a 72

JOVENS DO PROJETO SOCIAL
TALENTOS DA VEZ CRIAM A

CIA APLAUSO

5 × Rodrigues & Rodrigues

18 de abril
terça-feira, 19 hs
no Teatro Carlos Gomes
ingressos a R$ 10,00 (inteira) e R$ 5,00 (meia)

Obras de Nelson Rodrigues
e músicas de Lupicínio Rodrigues

Supervisão Geral
Cininha de Paula

APLAUSO CIEDS BID RIO PREFEITURA